



Entrevista: Maria Victoria Alfieri

“A escola como um lugar de vida”

Por Ricardo Prado e Lisandra Ogg Gomes, editores da revista *Veras*

Fundado em 1968 em Buenos Aires, o Colégio Aletheia desde seu início esteve sempre vinculado à vanguarda educacional. Aqueles eram tempos de agitação na Europa, de manifestações contra a Guerra do Vietnã nos Estados Unidos, de florescimento da contracultura e, na América Latina, de radicalização política



e supressão da democracia. Ano de AI-5 no Brasil, que decretou o fim das liberdades individuais. Mas a Argentina ainda respirava ares de tumulto e liberdade naquele fim de década em que Maria Victoria Alfieri trabalhava em seu primeiro emprego, no equivalente naquele país ao jardim da infância. E foi ali que a jovem estudante de medicina, que havia iniciado um curso pensando em cuidar da saúde das crianças como pediatra, descobriu sua verdadeira vocação: cuidar de crianças, sim, mas como professora. Em especial, sua atenção se dirigiu às crianças pequenas.

Em 1975, Maria Victoria conheceu o psicólogo, e então estudante de cinema, Carlos Tomasini, com quem se casaria naquele mesmo ano. E com quem assumiria logo mais a propriedade e a direção pedagógica do Colégio Aletheia, então com oito anos de existência e muitas propostas revolucionárias em curso.

No ano seguinte, a maré de direita que varria a América do Sul atingiu com dureza a Argentina, com o golpe de Estado promovido pelos militares. Foram tempos difíceis, como relembra a educadora nesta entrevista que concedeu, por email, para a revista *Veras*, na qual também destaca como grande influência no fazer pedagógico da instituição que dirige alguns aspectos replicáveis da experiência de Educação Infantil desenvolvida na Reggio Emilia, região da Itália que se tornou referência mundial de qualidade de educação para crianças pequenas.

Dentre os aspectos mais relevantes dessa experiência, Maria Victoria, que se formou em Ciências da Educação e fez mestrado na Universidade de Palermo, salienta o valor de se fazer uma documentação pedagógica permanente e consistente, que permite, entre outras conquistas, “romper com pré-categorizações estabelecidas e construir uma nova imagem de infância a partir da complexidade social de nossas vidas e do nosso entorno atual”. A influência do espaço na aprendizagem das crianças e a ênfase no trabalho de formação continuada dos professores, que chegam a ter quatro horas semanais de estudos se dirigem turmas de crianças pequenas, são outros temas abordados nesta entrevista.



Revista Veras: O Colégio Aletheia, que está fazendo 50 anos, sempre esteve na vanguarda educacional em seu país. Como esse espírito inovador consegue ser mantido e renovado?

Maria Victoria Alfieri: Evocando-se sempre o desafio do começo, a alegria e o jogo nos níveis iniciais, desde o ano de 1968. O jardim da infância sempre foi um âmbito da educação que hierarquizou os vínculos, a criatividade e o conhecimento. A nossa escola, desde a sua fundação, atravessou diferentes momentos da história argentina, convivendo sempre com a diferença e se constituindo como um espaço de convivência e garantia da democracia. Nesse começo, era preciso preservar internamente um ambiente de convívio democrático. Passamos por algumas situações muito complexas, mas conseguimos resolvê-las a partir de um intenso trabalho de equipe e da riqueza de nossas convicções. Naquele contexto, esteve sempre presente entre nós o respeito aos meninos e meninas, às famílias e aos professores que trabalhavam na instituição. E, para nós, o trabalho em equipe se tornaria uma marca institucional.

Nesses tempos [*de regime militar*] organizávamos reuniões semanais de duas horas para a formação docente. Trabalhávamos, especialmente em relação ao medo, por meio de jogos com os professores, durante os encontros de formação profissional, para que soubessem lidar e conversar sobre a situação de medo daquele momento político. Alguns psicólogos também nos ajudavam a interpretar as diversas situações que se apresentavam.

Revista Veras: Quais as principais influências que atuaram sobre o projeto pedagógico da Aletheia?

Maria Victoria Alfieri: Entre as ideias e experiências que influenciaram o nosso trabalho posso nomear John Dewey e a Escola Ativa, Jean Piaget, Jerome Bruner, Howard Gardner, Philippe Meirieu, Edith Litwin, Paulo Freire, Gaston Bachelard, Lev Vygotsky, Francesco Tonucci, Emilia Ferreiro e muitos outros. Contribuições da antropologia, da filosofia e de diversas correntes da psicologia social também nos ajudaram a ampliar nossos conceitos sobre os processos cognitivos e sócio-construtivistas.

Nos aproximamos também dos conhecimentos vindos da teoria das inteligências múltiplas, participando de seminários na Universidade Harvard coordenados por David Perkins e Howard Gardner. Essa experiência nos enriqueceu com diversos marcos teóricos e nos estimulou a promover novos desafios.



Revista Veras: Em relação à experiência pedagógica de educação infantil na Reggio Emilia, como a Sra. avalia a influência que houve na instituição que dirige?

Maria Victoria Alfieri: Somos inspirados pela proposta filosófica de Reggio Emilia há mais de 15 anos, quando iniciamos um produtivo caminho de investigações, análises e reflexões sobre as nossas práticas. Tomamos como matrizes da experiência reggiana o processo de documentação pedagógica, a Pedagogia da Escuta, os ateliês de arte e o diálogo entre arquitetura e pedagogia, entre outros aspectos.

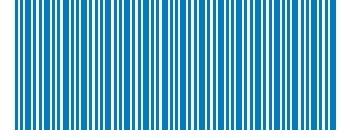
Revista Veras: O que seriam as 100 linguagens da criança, como metáfora?

Maria Victoria Alfieri: Como disse Loris Malaguzzi, “a pedagogia é movimento, e movimento contínuo. Não creio que a pedagogia saiba a cada dia aonde se dirige e aonde pode ir. É um caminho que se descobre enquanto é percorrido”. A metáfora das 100 linguagens criada por Loris nos convida a buscar a expressividade em cada linguagem, porque nos propõe a pensar cada linguagem como uma potencialidade expressiva, ou seja, nos obriga a percorrer e buscar novos caminhos.

A primeira exposição “As 100 linguagens da infância”, no ano de 1980, deu uma grande visibilidade à experiência das creches e escolas infantis da Reggio Emilia. Curiosamente, nossa primeira mostra, no ano de 1981, se denominou “O direito de criar”. Conhecer parte da história da experiência reggiana, estabelecer pontos de contato à distância, ainda sem saber nem conhecer de perto essa maravilhosa experiência, nos fortaleceu em nosso desejo de dar voz à infância. E uma das abordagens que mais nos impactaram na proposta reggiana foi, sem dúvida, a da documentação.

Revista Veras: Por que a documentação pedagógica é tão importante para vocês?

Maria Victoria Alfieri: Essa ferramenta nos permitiu colocar em prática uma escuta atenta da cultura da infância e acabou por dar sentido aos desdobramentos cotidianos de nossa proposta pedagógica. Nossas documentações, ao longo dos anos, têm nos ajudado a compreender como os meninos e as meninas constroem o conhecimento, como pensam, como sentem e como se expressam por meio de diversas linguagens. Também nos permitiu romper com categorizações preestabelecidas e construir uma nova imagem de infância a partir da complexidade social de nossas vidas e do nosso entorno atual. E, ainda, permitiu questionar e repensar o nosso papel como educadores, nossas intervenções e interpretações, além de fundamentar concreta-



mente nossa proposta pedagógica aos pais e colegas, permitindo uma melhor compreensão sobre as concepções de infância e de escola que fundamentam a proposta. Ou seja, a ferramenta da documentação pedagógica permitiu, ao longo destes anos de existência da escola, nos aprofundarmos no desenho de nossas propostas educacionais.

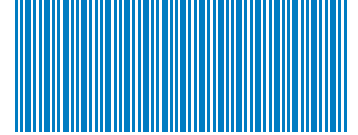
Revista Veras: E sobre a Pedagogia da Escuta, qual o seu papel no cotidiano escolar?

Maria Victoria Alfieri: Em relação à Pedagogia da Escuta, tão ressaltada por Carla Rinaldi [presidente da Fundação Reggio Children Loris Malaguzzi e professora da Universidade de Módena e Reggio Emilia], posso dizer que cada situação necessita ser expressa, ser comunicada, ou seja, escutada. Os meninos e as meninas escutam a vida em suas diversas formas e cores, escutam aos outros e outras, seus amigos, amigas e adultos, e percebem rapidamente que o ato de escutar é um ato fundamental para a comunicação. Eles sabem, desde pequenos, que têm uma voz, mas, sobretudo, que sabem escutar e que desejam ser escutados. A partir dessa posição, o menino, ou a menina, pode trazer sua própria contribuição para o mundo, servindo-se de uma interação contínua que está relacionada à sua realidade, ao contexto e ao ambiente em que vive. Viver experiências ricas como essa é o que podemos oferecer para a cultura da infância.

Outro dos aspectos que consideramos favorável a novas transformações em nosso contexto foi termos nos impregnado fortemente da poética do ambiente, tanto na pré-escola quanto no nível primário [Ensino Fundamental I no Brasil]. A qualidade do ambiente nos ajuda a construir um sentido, para que haja um verdadeiro diálogo entre a arquitetura e a pedagogia, entre o cuidado e bem-estar das pessoas e a aprendizagem, promovendo uma visão da escola como um lugar de vida.

Revista Veras: Qual a importância do espaço em um ambiente escolar, em termos de impactos sobre a aprendizagem?

Maria Victoria Alfieri: Pensar o espaço significa organizar uma metáfora sobre o conhecimento. Supõe um processo de transformação que deve considerar o projeto pedagógico de cada escola. Loris Malaguzzi, criador da experiência reggiana, gostava de dizer que o ambiente é mais um educador, que nos convida a recordar sempre que os espaços, os móveis, a ambientação de um espaço, não devem ser relevantes em si, mas também devem sugerir e oferecer possibilidades às crianças de se expressarem e desenvolverem toda a dotação genética que possuem. A escola que propõe isso é uma instituição de criação cultural.



Assim, projetar cenários a partir da arquitetura e situações a partir da pedagogia nos convida a compreender esses espaços como transformáveis, interpretáveis, transmutáveis, vibrantes e vinculantes, pensando o ambiente como um espaço lúdico e cognitivo.

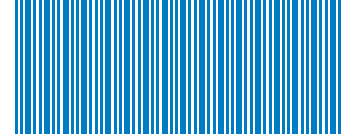
Nos propusemos aqui no Colegio Aletheia a projetar, com muito espírito de reinvenção e dinamismo, espaços novos e provocantes. Quisemos construir para os meninos e as meninas um mundo o mais bem mobiliado possível, recorrendo a “pré-visões” dos diferentes ambientes que formam sua geografia, pensando nas pessoas que habitariam aquele espaço, nas suas funções e na sua organização.

Revista Veras: Um dos aspectos mais relevantes da instituição escolar que a Sra. dirige é o trabalho de formação docente. Como ele acontece atualmente?

Maria Victoria Alfieri: Hoje enriquecemos nosso projeto ao incorporarmos uma maior quantidade de horas dedicadas à formação continuada dos professores, que têm quatro horas semanais de formação, no nível inicial, e duas horas e meia por semana no nível primário. Também implementamos a parceria pedagógica, no nível inicial e no primeiro ciclo, com a presença simultânea de dois professores em classe, um de Espanhol e outro de Inglês.

As nossas reuniões de equipe têm mantido um diálogo permanente entre as diferentes áreas, com a intenção de confrontarmos continuamente o que dizemos e fazemos, questionando nosso fazer cotidiano. Entre certezas e incertezas, penso que estamos construindo um mapa que nos permite guardar os momentos afetivos, cognitivos e criativos que emergem das crianças por meio de suas diversas linguagens. Se somos capazes de suplantar as dificuldades e o ceticismo, se conseguimos pensar e pôr em prática iniciativas criativas propostas por nós, adultos, torna-se possível promover diversas dinâmicas, gerar espaços com alegria, e, por meio do jogo, fomentar o bom relacionamento com os meninos e as meninas.

Também realizamos jornadas, seminários e encontros de formação com profissionais argentinos e internacionais. Oferecemos cursos de desenvolvimento profissional acompanhados pela Red Solare Argentina, cursos sobre o papel do coordenador pedagógico e do encarregado dos ateliês, por exemplo, abarcando diversas dimensões e linguagens, para enriquecer o trabalho cotidiano e os processos de trabalho com as crianças. Essas formações são frequentadas por diversos profissionais do país e do exterior, entre eles colegas de creches e escolas infantis da região da Reggio Emilia. Também recebemos professores visitantes na escola, vindos de outros países, como forma de propor-



cionar um intercâmbio de experiências sobre o processo de aprendizagem na formação docente.

Enfim, colocamos em prática diversas ações e dinâmicas capazes de criar transformação, para que algo diferente do habitual possa surgir e ser implantado. A instituição educacional, assim, se transforma em um lugar de implementação de projetos sociais e de destinos individuais, a sede de muitos sonhos, um espaço de reunião, de encontro e comunicação, a partir do qual cada um dos integrantes desse projeto educacional se responsabiliza por seu espaço e traduz esses sonhos, assegurando a permanência do desejo de saber, o vínculo e a criatividade, que são eixos fundantes da nossa filosofia pedagógica.

Prosseguindo com as novas gerações que hoje estudam aqui, nesse momento nos perguntamos: “Qual é o significado e o valor dos aniversários?” Achamos relevante a valorização da memória como um processo de busca de construção da identidade. Apostamos, fundamentalmente, em desenvolver um modo de trabalho que possa ser novamente recriado, interrogado, confrontado, e que contenha pinceladas de muitos outros processos e projetos que colocamos à disposição de outros para que possam ser discutidos.

Os projetos, os esboços, os desenhos da nossa narrativa continuam se ajustando por meio de nossas reflexões entre o pensamento, as ações e as relações entre os diversos pequenos grupos que compõem nossa comunidade escolar. Para finalizar, então, posso tomar as palavras de Martin Heidegger para explicar a definição de aletheia: “O estado de abertura permite o desocultamento da verdade, que se revela a mim [*a-lètheia significa “não oculto”*]. A verdade se faz presente, se “desoculta”, e esse desocultamento chega a mim graças ao meu estado de abertura”.

Conheça a Red Solare Argentina, que divulga experiências no continente sul-americano inspiradas na experiência da Reggio Emilia

(<http://www.redsolareargentina.com>), e o Colegio Aletheia

(<http://www.colegioaletheia.esc.edu.ar>)

